"Err, eu—"

"Minha filha, sim."

Minha mãe estava lá para nos receber quando chegamos em casa. Eu não sabia bem por quê, mas por algum motivo, ela havia decidido tratar nós duas como suas filhas. Enquanto eu já estava mais do que acostumada com suas esquisitices, Adachi, por outro lado, parecia visivelmente confusa.

Tínhamos estado de mãos dadas até poucos instantes atrás. Enquanto eu tirava os sapatos, aproveitei para relembrar o calor dela.

"Você também tá de boa com isso, né?"

"Hã? Acho que sim."

Falei a primeira coisa que me veio à cabeça. Se Adachi realmente se tornasse um membro da família Shimamura... o que isso significaria? Havia uma coisa da qual eu tinha certeza: a gente definitivamente teria que parar de ser namoradas. Ou... será que não? Será que a gente não podia simplesmente continuar do jeito que estava? Eu quase tive a sensação de que poderia muito bem dar certo. Ah, mas não me entenda mal. Não estou dizendo que ser irmãs e namoradas ao mesmo tempo não traria sua cota de dificuldades, porque quase com certeza traria. Não, o que eu quis dizer é que, nesse ponto, já seria tarde demais pra se preocupar com esse tipo de coisa.

Dito isso, mesmo que elas virassem irmãs, era difícil para mim imaginar Adachi e minha irmãzinha se dando bem. A impressão que eu tinha era que cada uma ia cavar seu próprio ninho, se enfiar nele e nunca mais interagir com a outra. Além disso, eu quase com certeza seria a irmã mais velha, e a Adachi, a mais nova.

"Vou fazer de você minha filha também."

"Mas eu já sou sua filha."

"Sim, eu sei, muito obrigada."

Ela então pressionou os dedos dos pés contra minhas costas. Tenho certeza de que ela estava fazendo isso de propósito.

"Você tá pelo menos 30% mais irritante do que quando eu fui saí."

"Minha nossa. Que coisa feia de se dizer."

“Você não acha?” ela se virou para perguntar à Yashiro, que segurava pela nuca. A garota não respondeu, concentrada demais em encarar a sacola que eu carregava — a que tinha as rosquinhas. Seus bracinhos curtos se mexiam freneticamente. *Sério, como alguém podia ser tão simples?*

"Ahm... Desculpa pela intromissão", disse Adachi, seguida de uma reverência tímida. Ela também já havia tirado os sapatos e estava agora ao meu lado.

Por que ela parecia tão nervosa? Seria porque achava esquisita a forma como minha mãe e eu nos tratávamos? Pensando bem, essa até que era uma explicação bem razoável.

"Ah, sim. Seja bem-vinda. Fique à vontade."

De algum modo, tive a impressão de que isso seria difícil para a Adachi. Foi aí que minha mãe percebeu o que ela estava vestindo.

"Que traje fabuloso o seu, hein."

"Ah, esse? Hm... Eu achei que deixaria a Shimamura feliz, e..." ela murmurou, tentando formular algo que se parecesse com uma explicação. E assim, acabei sendo arrastada junto também.

Com um sorriso travesso no rosto, minha mãe se virou para mim.

"É mesmo? Então é isso que você curte?"

"Como assim, 'o que eu curto'?"

"Eu também adorei, Adachi!"

“Êêêêêêê!” disse ela, levantando o polegar bem alto no ar. Sem saber direito como deveria reagir, Adachi imediatamente olhou na minha direção. *Não me pergunte*, era o que eu queria dizer para ela. Não é como se eu soubesse o que essa mulher estava tentando fazer também. Eu não sabia, e por isso achei que seria divertido fazer o mesmo.

"Êêêêêêê!"

Levantei meu polegar e apontei para a Adachi. Além do meu e do da minha mãe, percebi que havia um terceiro também — um menorzinho. Agora cercada por polegares de todos os lados, Adachi parecia ainda mais sem graça. Não demorou para que ela estivesse praticamente encurralada contra a parede. E agora, o que vem depois? Eu sinceramente não tinha pensado nessa parte. Meu próprio polegar já estava quase começando a tremer, até que, felizmente, minha mãe veio ao resgate.

"Vou preparar o jantar."

Com isso, ela jogou a Yashiro de lado, se virou e começou a ir em direção à cozinha. Era como se a garota fosse um bichinho de estimação ou algo parecido. Falando nisso, Yashiro já havia se recuperado do tombo e agora circulava a sacola de rosquinhas com um olhar ganancioso. Apesar de estar vestida como um leão, seu comportamento lembrava muito mais o de um gato. Ela parecia estar prestes a tentar agarrar os doces a qualquer momento, então foi uma sorte imensa eu ter notado uma figura familiar nos observando do outro lado do corredor. Fiz um sinal rápido para ela se aproximar. Embora um pouco hesitante, a garota obedeceu.

Uma expressão de choque voltou a aparecer no rosto da Adachi. Mas eu diria que era bem diferente daquela de quando minha mãe apareceu.

"B-Boa noite", ela murmurou, tentando cumprimentar minha irmã.

"Boa noite", respondeu a menina em um sussurro. Parecia que ela mal conseguia tirar as palavras da boca. Era mais ou menos assim que ela agia sempre que tentava falar com alguém de fora da nossa família.

"Boa noite!"

Quanto a essa bolota de felicidade que decidiu se meter na conversa, ela nunca mostrava um pingo de hesitação, não importava com quem estivesse falando. Me virei para olhar para ela e, como era de se esperar, os olhos ainda estavam colados na sacola de rosquinhas que eu tinha trazido. Balancei a sacola de um lado para o outro, e ela acompanhou com o olhar.

"Aqui, aqui."

Estava divertido, então continuei por mais um tempo. Cada vez que a Yashiro mexia a cabeça, mais daquelas partículas brilhantes saíam do laço de borboleta dela, deixando um rastro de luz. Apesar de ser algo bastante bonito por si só, a impressão que eu tinha era de que ela estaria disposta a ficar dançando para sempre. E por isso, achei que o mais humano a fazer era parar de provocá-la e entregar logo a sacola.

"Eba!"

"Tem um pra minha irmã também. Seja boazinha e compartilha, tá?"

"Tá bom."

Segurando a sacola bem acima da cabeça, Yashiro saiu correndo. Já minha irmã olhou para a mim, depois para a Adachi. Repetiu isso algumas vezes antes de, com alguma hesitação, se virar e sair atrás da amiga. Soltei um suspiro profundo ao ver as duas sumirem na curva do corredor; o ar ao nosso redor instantaneamente ficou mais leve.

"Desculpa por isso. Como deu pra ver, é meio agitado por aqui."

"N-Não, eu não me importo."

Será que havia tanta agitação assim na casa da Adachi normalmente? Eu imaginava que não.

Esse definitivamente não era o tipo de ambiente de que a Adachi gostava. Me senti meio mal por ter convidado ela sabendo disso.

Mas, de qualquer forma, os desejos da Adachi não eram tudo o que importava. Eu também tinha meu próprio mundo, um que era visível para mim.

Aquele mundo exigia tanto a presença da Adachi quanto a de outras pessoas além dela.

Espiando na direção da cozinha, vi que a mesa de jantar havia sido tomada por todo tipo de prato preparado pela minha mãe. O que todos eles tinham em comum era o fato de parecerem feitos sob medida para o paladar de crianças pequenas — e também para o dela mesma.

"Ei, Yachi. Lanchinho só depois do jantar."

"É?"

"Uhum. Senão não vai sobrar espaço no estômago pra comida. Pensando bem... não sei se isso alguma vez foi um problema pra você..."

"Bom, mesmo assim, isso não vai prestar", a garota respondeu rapidamente. Depois de todos esses anos, era meio estranho vê-la agindo como uma irmã mais velha para outra pessoa. As duas estavam sentadas lado a lado. Será que eu e a Adachi nos sentaríamos assim também? É, provavelmente. Não conseguia imaginar de outro jeito. Sentei no meu lugar e, como esperado, Adachi se sentou na cadeira à esquerda da minha.

Aquela era a maneira certa de sentarmos juntas; como aprendi durante a viagem escolar, se fosse ao contrário, nossos cotovelos ficariam se esbarrando o tempo todo.

Sentada ali, um cheiro doce logo inundou meu nariz. Foi seguido rapidamente pelo calor da cozinha.

"...Hmm?"

Resolvi contar todos os membros da nossa família. Incluí a Adachi também, é claro. E ainda assim, mesmo conferindo duas vezes, parecia haver um lugar a mais na mesa. Estava prestes a perguntar para quem era, mas antes que eu pudesse falar qualquer coisa, meu pai apareceu.

"Minha nossa. Só tem menina por aqui, até onde os olhos alcançam. Tô me sentindo meio deslocado."

“Hahaha”, ele riu enquanto segurava um copo vazio.

"Nesse caso, me permita ser sua amiga."

Foi Yashiro quem disse isso, erguendo a mão no ar logo em seguida. Ela já tinha até arranjado um garfo de plástico de algum lugar.

"Sério? Uau. Que garota legal você é."

"De fato. Sou uma pessoa muito boa."

"Me diz uma coisa: você é filha de quem mesmo? Tenho a impressão de que você tá sempre aqui em casa."

"Venho da casa ao lado."

Que explicação mais ridícula. Quem é que ia acreditar nisso?

"Casa ao lado? Tipo... Hmm... Certo. A casa ao lado."

Pelo visto, ele. Ver o Papai deixar passar uma coisa dessas só porque não estava com paciência de pensar direito me fez achar que isso podia mesmo ser algo de família.

"Ahm... Desculpa pela intromissão."

Aproveitando a deixa, Adachi foi lá e o cumprimentou com humildade. Será que os dois já tinham conversado alguma vez antes? Pelo que eu me lembrava, não. Meu pai respondeu com um aceno simples. Naturalmente, ele soou bem mais tranquilo e centrado do que ela.

"Amiga da Hougetsu?"

"S-Sim, isso mesmo", respondeu Adachi. Olhando para ela, dava para perceber que, pelo menos em pensamento, uma objeção tinha surgido — mas ela escolheu guardar para si. Se tivesse corrigido ele e dito que na verdade era minha namorada, será que isso teria estragado o nosso Natal agradável até então? Muito provavelmente, sim. Talvez acabássemos fazendo uma assembleia familiar... em volta do frango.

"Hmm? Ah, é. É você, né", disse meu pai de repente, depois de olhar para ela de novo. Parecia tê-la reconhecido por causa do vestido chinês. "É bom ser jovem. Não tem regras, pode fazer o que quiser."

Acho que era uma forma de encarar a escolha de roupa dela. Não é que eu discordasse exatamente, mas uma parte de mim achava aquela visão um pouco otimista demais.

"Falam isso de mim também. Dizem que sou imprevisível, fora de controle. Isso quer dizer que eu sou jovem?"

"Hã? Ahm, sim, claro."

A resposta do meu pai para a minha mãe foi praticamente o exemplo perfeito de como responder quando você simplesmente não quer pensar muito.

"Fora de controle... Hmm..." ele murmurou, passando por uma série de expressões no processo. Talvez alguém devesse ter tomado a frente ali e a defendido, dizer que aquilo não era verdade. Mas ninguém o fez.

"Queria que me chamassem de 'espírito livre' ou algo assim. Pelo menos isso seria—"

Minha mãe ainda estava no meio da frase quando, de repente, a campainha tocou. Quem será? Um entregador? Não precisei pensar muito, porque logo em seguida...

"Ah, finalmente."

"Finalmente o quê?"

"Você, mais do que ninguém, devia saber."

Com um sorriso radiante, a mulher se levantou da cadeira.

"Minha amiga chegou."

"Sua amiga? Quem?"

De quem ela está falando? Olhei para meu pai como se estivesse perguntando, e ele apenas deu de ombros. Parecia tão perdido quanto eu. Juntos, viamos minha

mãe caminhar até a porta. Apesar de ser o tipo de pessoa com muitos amigos, tentar adivinhar alguém com quem ela fosse próxima o bastante para convidar para o jantar... nem nós — os próprios familiares dela — fazíamos ideia de quem poderia ser.

"Aqui está. Recebam com carinho nossa convidada especial."

"Hã?"

Fui eu ou foi a Adachi quem deixou escapar esse suspiro de surpresa? Estávamos as duas tão chocadas que era quase impossível saber.

A pessoa que minha mãe arrastou para dentro pela mão era ninguém menos que a mãe da Adachi. Ela entrou com uma expressão fechada, mas assim que avistou a filha, essa expressão se transformou em algo ainda mais azedo. Já a Adachi parecia nem ter conseguido reagir direito, o que só mostrava o quão chocante tudo aquilo devia estar sendo para ela.

"O que tá acontecendo?"

Como a Adachi claramente não tinha condições de perguntar, resolvi fazer isso por ela.

"Eu falei, ela é minha amiga."

"Desde quando?"

"Desde ontem."

"Senta aqui", ela disse, guiando a mulher até a cadeira ao lado da dela.

"Pelo menos deixa eu tirar o casaco antes", retrucou a mulher.

"Ah, aliás. Você prefere sentar do lado da sua filha?"

"Hã?"

Dessa vez, sem sombra de dúvida, foi a Adachi quem deixou escapar o suspiro de surpresa. A voz saiu num tom agudo, revelando claramente que ela não conseguia lidar com a sugestão.

Não havia nenhum brilho nos olhos da mãe dela. Em vez disso, um suspiro profundo escapou de sua boca enquanto ela dobrava o casaco.

"Tá tudo bem. Não precisa."

“Sério? Então, que tal sentar em frente a ela?”

“Vamos, vamos,” minha mãe se apressou, batendo no encosto da cadeira como se falasse com uma criança. Eu consegui ouvir de leve a outra mulher resmungar algo como “cala a boca” enquanto se sentava.

Lá estávamos nós, Adachi e eu, sentadas frente a frente com nossas mães.

Parecia tudo um cenário armado para algum tipo de grande piada.

Consegui, mais ou menos, imaginar de onde as duas se conheciam. Tinha que ser da academia, né? Provavelmente. Agora, quão profunda era essa relação? Considerando que eu nunca tinha ouvido a ela mencionar aquela mulher até aquele momento, devia ser algo superficial. Foi então que a mulher se voltou para meu pai e deu um pequeno aceno.

“Desculpe pela intromissão.”

“Ah, não, tudo bem. Err… você é a mãe dessa aqui?” o homem perguntou, olhando para a Adachi. As expressões deles combinavam perfeitamente, então acho que não era difícil perceber.

“Eu mesma,” afirmou a mãe da Adachi, de forma direta. Falando na Adachi, ela estava praticamente se afundando na cadeira.

Como costumava acontecer, ela parecia um cãozinho no jeito de agir.

“Frequentamos a mesma academia. O nome dela é... é... Sakura, certo?”

“Essa é minha filha.”

A mulher apontou para a Adachi sem virar a cabeça ou mexer os olhos.

"Certo, certo. Você é... a mãe da Adachi."

"Ah, pelo amor de Deus."

Essa foi uma forma bem elegante de mandar ela calar a boca. Claro que, conhecendo minha mãe, ia precisar de muito mais do que isso para ela fechar a boca.

Deixando isso de lado, a mulher mudou o assunto com o olhar. Quase pude imaginar uma sauna em volta dela. Será que era por causa do calor que fazia na sala ou por algum outro motivo?

"Faz tempo, hein."

"Obrigada."

Obrigada? Que jeito estranho de cumprimentar alguém. Mas, pensando bem, jamais teria imaginado que nos encontraríamos nessas circunstâncias, então espero que você me entenda.

Adachi acompanhava a conversa de lado, parecia bem ansiosa para saber o que estava acontecendo.

"Algumas coisas aconteceram mais cedo."

"Não é nada de mais, de verdade."

Nós duas acabamos dando desculpas parecidas ao mesmo tempo. Mas, de verdade, não tinha sido algo tão grave assim. Porém, olhando para a Adachi, dava para ver que ela não estava muito convencida disso.

"Eu conto pra você outra hora."

De novo, não havia realmente nada para comentar. Eu só não queria entrar em detalhes sobre como acabamos na sauna juntas e tivemos uma espécie de discussão bem ali na mesa de jantar.

“Eu não sou uma convidada especial?”

“Não, porque você vem aqui o tempo todo.”

“É verdade.”

“Hahaha”, as duas garotas riram. Por acaso, também vi meu pai olhando para elas com um sorriso no rosto. Não dava para culpá-lo; tirando o fato de que uma delas parecia um alienígena, a cena era até bem comovente.

“Experimenta isso. Eu mesma fiz,” Minha mãe insistiu com a mulher. Apesar da expressão dela mostrar que queria dizer algo, ela aceitou a oferta. Outra coisa a notar era que, assim como a filha, ela também segurava os *hashis* com a mão esquerda. Isso fazia com que os cotovelos dela e da minha mãe se esbarrassem o tempo todo. Mas, pelo jeito, ela parecia até gostar disso. Ela estava mais animada do que o normal hoje, e se você conhece ela, sabe que isso significa muita coisa. *Será que era só porque ela gostava tanto da presença da mãe da Adachi? Talvez. Enquanto a outra mulher não parecia tão entusiasmada, ela estava entrando na onda. Tipo... saindo com ela. Haha. Brincadeira, claro. Ou será que não? Joguei um sorriso meio sério na direção da Adachi. Pensando bem, provavelmente elas também não podiam imaginar que as filhas estavam saindo juntas. Então, de novo, talvez? Hahaha...*

Fiquei meio com medo de onde esses pensamentos poderiam me levar, então decidi não pensar muito nisso.

“A comida está muito saborosa.”

Essa foi a primeira impressão da mulher ao experimentar a comida da minha mãe.

“Tem gosto parecido com a sua personalidade.”

“No sentido de que penetra no coração?”

“No sentido de que me deixa com a garganta seca.”

“Aqui está um copo de água.”

“……”

Parecendo cansada da incapacidade da outra mulher de perceber sarcasmo, a mãe da Adachi pegou algo que havia deixado ao lado da cadeira antes de se sentar.

“Trouxe algo. Não é muito, mas não queria chegar de mãos vazias, então...”

“Sério? Uau. Você é bem mais gentil do que eu imaginava.”

“Hahaha”, minha mãe riu enquanto batia no ombro da mulher. O franzir de testa que ela fez valeu mais que mil palavras.

“Então, o que você trouxe? Pato à Pequim?”

“Você é idiota ou quê? Ah, desculpa... Seu marido está aqui. Certo.”

A mãe da Adachi rapidamente retirou as palavras ofensivas antes de olhar para o meu pai. Ele estava no processo de desembrulhar, e ao perceber que estavam olhando para ele, um sorriso surgiu em seu rosto.

“Está tudo bem, está tudo bem. Não precisa pedir desculpas quando está certa.”

“Que maldade. Pato à Pequim é delicioso.”

“Não é disso que estamos falando.”

“Nem que eu já tenha provado.”

“Sério...”

Colocando a mão na testa, a mãe da Adachi soltou um suspiro incrivelmente longo. Embora provavelmente as duas não percebessem, para quem estava de fora, pareciam muito boas amigas. Minha mãe é ótima para criar relações, o que provavelmente tem a ver com o jeito dela de ser tão íntima com todo mundo o tempo todo. Eu diria até que ela às vezes força essa aproximação, construindo esses laços meio que na marra. O mesmo aconteceu com meu pai no passado, e como ele sempre diz, essa mulher nasceu para ser jogadora.

“Então, falando sério. O que você trouxe?”

“Saquê e alguns doces.”

“Hmm?”

Instantaneamente, todos os sinais de brincadeira desapareceram do rosto da minha mãe.

“Eu sou péssima com bebida. Não consigo beber. Nem pensar.”

“Impossível”, ela balançou a mão na frente do rosto. Agora que parei para pensar, não lembro de ter visto ela beber em casa. Meu pai, por outro lado, frequentemente anda por aí com uma lata de cerveja aberta na mão. E eu? Será que eu conseguiria beber quando crescer?

Por mais que eu odiasse admitir, eu realmente me parecia muito com a minha mãe, então talvez não.

“Não culpo você por entender errado. As pessoas sempre dizem que eu ajo como se estivesse bêbada.”

“Ahaha”, ela riu. É assim que eu pareço? Senti meu rosto dar uma leve contraída.

Quanto à Adachi, considerando que a mãe dela tinha trazido álcool, a resposta provavelmente era sim.

Naturalmente, como éramos só delinquentes de mentira e não de verdade, em nenhum momento pensamos em experimentar essas coisas.

Pensando bem agora, será que só por faltar à escola já dava para considerar alguém um delinquente? Não, provavelmente não.

Mas de qualquer forma, nenhum bom aluno deveria fazer essas coisas. Com certeza não.

“Agora, vai. Diga algo pra sua filha.”

Minha mãe voltou a insistir com a mãe da Adachi. O tom de voz dela parecia bem firme, quase como se estivesse segurando ela pelos ombros.

Até a Adachi parecia um pouco chocada.

“Isso é...”

“Tá bom, né?”

Dessa vez, as palavras dela saíram suaves, carregando dentro de si uma compaixão clara. Ela sempre foi muito boa nisso, em mudar o tom. Quanto à outra mulher, parecia estar desistindo de competir com ela. Havia algo na expressão em seu rosto que me lembrou muito a Adachi.

A mãe da Adachi devolveu o prato e os *hashis* à mesa antes de olhar para a filha, que estava sentada bem em frente a ela. Era possível ver um leve tremor nos cantos dos olhos dela enquanto fazia isso.

Da mesma forma, Adachi também endireitou as costas e ajustou os ombros.

Elas pareciam estar se preparando para uma entrevista ou algo do tipo.

“Então... Err...”

Parecendo incerta sobre o que dizer, a mulher pigarreou. Tentou novamente, mas, assim como da última vez, as palavras simplesmente pareciam se recusar a sair.

“Quer que eu escreva um roteiro pra você?”

“Cala a boca”, ela respondeu com irritação, pressionando a mão sobre a boca da minha mãe. Com a boca tampada, ela então se virou para mim. Mesmo sem palavras, ficou claro que ela estava me dizendo para dar um empurrão na Adachi — para resolver a situação de alguma forma.

O que a Adachi poderia querer falar? Honestamente, nada me veio à mente. Além disso, eu também não queria forçá-la a falar.

Foi por isso, e por alguns outros motivos, que decidi que seria mais rápido simplesmente confiar nos adultos.

“Vamos esperar um pouco,” disse para a Adachi enquanto segurava a mão dela debaixo da mesa.

Ela respondeu segurando a minha mão de volta.

Com a mão ainda tampando a boca da minha mãe, a mãe da Adachi desviou o olhar um pouco para baixo.

O que saiu depois de toda aquela reflexão não foi uma troca calorosa nem uma expressão suave de amor...

“Você devia vestir mais roupa no inverno.”

...mas uma demonstração extremamente constrangedora de preocupação.

“Tá bom.”

Foi tudo o que a Adachi respondeu para ela. Pelos apertos fortes que ela deu na minha mão, dava pra perceber que conseguir fazer isso tinha custado muito esforço.

As duas não trocaram mais nenhuma palavra durante toda a noite.

Só uma pessoa parecia satisfeita, e essa era a minha mãe. Ela tinha o sorriso mais largo no rosto.

E eu? O que eu achava de tudo isso? Lentamente, toquei minha bochecha. Fazendo isso, consegui, mais ou menos, aceitar meus sentimentos.

Adachi estava completamente focada na mãe dela. Era, honestamente, meio estranho vê-la olhar para alguém que não era eu. *Sério? Era mesmo?* Só de pensar nisso, senti meu rosto esquentar. Ao mesmo tempo, tinha algo interessante nisso que tornava impossível desviar o olhar.

A confusão fez os olhos da Adachi ficarem um pouco úmidos. Isso também fez com que eles brilhassem de um jeito que eu nunca tinha visto antes. No geral, a cena era simplesmente linda.

“Tá se divertindo, Adachi?” perguntei, como se fincasse o dedo numa fresta naquela confusão toda.

“Não...”

Como era comum nela, Adachi não fez esforço algum para esconder o que realmente sentia.

Mas...

“Não muito.”

Diferente do normal, dessa vez a voz dela tinha um toque levemente agradável.